

## Naufrágio e identidade nacional

### Shipwreck and national identity

João Medina

Professor catedrático jubilado de História  
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa  
joamedina@netcabo.pt

**Limite:** Sendo o Portugal atual um país de naufragos, como sugere o romance, qual terá sido o “erro” histórico coletivo de onde nasceu esta condição?

**João Medina:** Eu diria que Portugal não é um país de naufragos, foi um país de naufragos. No período em que foi escrito este livro, em 2004-2005, atravessávamos uma situação difícil e estava extremamente pessimista em relação a Portugal, o que se traduz numa visão de Portugal como um país de naufragos e num empenho em comparar a nossa aventura passada com a nossa situação presente.

Os naufragos têm a ver com a viagem marítima porque este livro é, antes de mais, uma reflexão sobre o grande mito português, o mito das viagens, das descobertas e, concretamente, da viagem de Vasco da Gama. Uma das cenas principais é o discurso de Paulo da Gama, irmão de Vasco da Gama, quando chega à Índia e tem de explicar ao Catual, a entidade política importante da região à qual chegaram os portugueses, o que é Portugal. Em vez de ter o discurso de Camões, um discurso da ufania acerca da grandiosidade de um país, tem um discurso satírico, que consiste na denúncia de uma viagem falhada e de um naufrágio. Convém não esquecer que Camões publicou o seu livro em 1572, oito anos antes de Filipe II conquistar Portugal.

*Naufragos do Mar da Palha* pretende ser uma sátira de Portugal e uma descrição da metáfora do naufrágio que utilizo no título. Esse naufrágio é um naufrágio de várias pessoas, de imigrantes que vêm para Portugal, como por exemplo o indiano que vivia em Moçambique e que, depois de ser perseguido, veio para Portugal com o seu cozinheiro e comprou um café. É aí que se reúnem uma série de alunos de um professor de liceu reformado.

Depois do 25 de Abril, da revolução portuguesa, tínhamos entrado numa espécie de período negativo e este livro reflete um pessimismo profundo, que se exprime através da sátira. Apresenta-nos a situação do período em que o escrevi e em que Portugal podia ser descrito pela famosa frase de James Joyce no *Ulisses*, quando Dédalo, a certa altura, diz: “a História é um pesadelo do qual eu gostaria de acordar”. Não se pode acordar do pesadelo da História, o máximo que se pode fazer é culpá-la. Por isso resolvi contar como é que nos tínhamos perdido e como é que isso se tinha traduzido numa espécie de desânimo, através duma série de figuras. Essas figuras são, antes de mais, o narrador, o professor que “dá aulas” aos sábados de manhã, num café inventado, junto a uma estátua de Neptuno, rei dos terremotos e das tempestades e inimigo de Ulisses. De certo modo, é o inimigo da nossa aventura colonial e de toda a nossa aventura marítima. Portanto, há uma série de símbolos e de metáforas que têm que ver com o naufrágio e com o facto de as pessoas que ali se reúnem estarem a falar do fim histórico de Portugal, do fim da nossa aventura e do naufrágio português.

Para além do narrador e dos alunos, que são portugueses, no café Mar da Palha também se encontram dois imigrantes, o indiano que já referimos e uma ucraniana, melhor dizendo, uma russa da Ucrânia. Quando a Ucrânia se torna independente, os russos da Ucrânia são expulsos e começa um dos dramas do país. Só se fala dos ucranianos que foram vítimas dos russos, soviéticos em especial, mas neste caso é o contrário, trata-se de uma russa que vive na Ucrânia. A partir da independência da Ucrânia e depois de a língua oficial deste país passar a ser ucraniano e não russo, ela sente-se na necessidade de ir embora e é por isso que vem para Portugal.

Nesse café, o que as personagens fazem é discorrer sobre a desgraça portuguesa, o fim do império, o fim da aventura e o contraste enorme entre uma nação ao mesmo tempo cheia de aventuras, mas que tinha entrado naquilo a que podíamos chamar um período de decadência e de desânimo. Devo reconhecer que o livro é, nessa medida, extremamente satírico e está imbuído de um pessimismo que a mim próprio me surpreende. Hoje vivemos uma experiência política extremamente positiva, que me deixa muito contente e cheio de esperanças em relação ao futuro. Como autor, estou muito distanciado deste livro e do pessimismo que ele manifestamente e excessivamente revela.

**Limite:** A autoimagem dos portugueses como náufragos pode ser entendida como uma busca de um efeito regenerador, uma provocação?

**João Medina:** Há, neste livro, um certo sentido intencional ligado a um outro elemento que é constitutivo não só do livro como do seu autor: a relação com o judaísmo. Sou de uma família judia e a relação com o judaísmo leva-me a ter em relação a Portugal por um lado uma grande simpatia pelos judeus portugueses e, por outro, uma grande preocupação com tudo aquilo que se prende com o cripto-judaísmo, com as pessoas que, não podendo assumir-se como judias, passavam por cristãos novos. Em relação ao Estado de Israel, devo dizer que sou um crítico extremamente feroz da situação política que é imposta aos árabes, aos palestinianos, pelo regime de Netanyahu. Também posso dizer que sou um crítico em relação ao judaísmo, mas assumindo a tradição e o estrangeirismo de uma família que é portuguesa e também judia, conseguindo situar-se numa dimensão histórica de “cristãos novos” ou de marranos. Este aspeto pareceu-me importante porque está presente na construção do livro.

Nas conversas ocorridas no café Mar da Palha, existem duas dimensões: um sentido simbólico de mar de inércia, mas também um mar onde se discute a História, o passado e o fim da aventura marítima e uma situação de um país que, aparentemente, está naufragado.

**Limite:** A ficção *Náufragos do Mar da Palha* encoraja permanentemente à reflexão sobre a realidade portuguesa. Conseguiu Portugal salvar-se do naufrágio, apesar dos fortes ventos contrários representados pela pressão económica que a Europa exerceu, através da Troika?

**João Medina:** Como historiador, uma das minhas preocupações constantes é mostrar o que há de positivo e o que nós conseguimos construir apesar de alguns fracassos históricos como, por exemplo, os quase três séculos de Inquisição. Mas um romancista, como é o caso de Eça de Queirós n’*Os Maias*, não tem de provar tudo o que escreve, apesar de poder dar-nos uma contextualização histórica extremamente importante. A leitura de Eça é sem dúvida muito relevante para quem estuda o século XIX português, mas a construção do romance assenta noutra base. No caso de *Náufragos do Mar da Palha*, há que separar a História e o romance num aspeto importante e muito evidente neste livro: a forte tendência para a sátira e para a caricatura. O historiador está obrigado à ética da verdade, à ética dos limites. Não pode considerar que o seu país faliu, ou que está naufrago, porque isto seria uma espécie de convite ao suicídio ou à desistência ética, à desistência

da ação política, algo de que seria incapaz. Mas, se um historiador está obrigado a certos limites e a certos pressupostos éticos e ético-gnosiológicos inultrapassáveis, a verdade é que o romancista aí goza de total liberdade e pode exercer toda a sua imaginação e todo o seu sentido satírico. Sobretudo quando se tem alguma paixão, não podemos deixar de aproveitar certas cenas para dar largas ao sentido satírico e ao prazer da sátira e da caricatura.

**Limite:** A identidade portuguesa é ameaçada pelos reveses da história ou integra-os na sua lista de imagens de marca?

**João Medina:** É claro que este livro é também uma reflexão sobre a identidade nacional, que trato no livro *Portuguesismos*, nomeadamente sobre a figura do Zé Povinho, o homem popular, o totem nacional que é um homem satírico, sem discurso e sem uma grande cultura, mas possuidor de uma fala gestual e obscena que é extremamente sincera. Recorri mais àquilo a que posso chamar elementos de identidade assumidos através da sátira e creio que o português, excetuando algum lado de melancolia, é extremamente satírico. Neste livro, entrego-me àquilo que na História nunca poderia praticar, que é a auto-caricatura e a sátira do português enquanto tal, da identidade nacional vista nos seus aspetos mais grotescos e mais caricaturáveis. Portanto, creio que a necessidade de separar claramente aquilo a que podemos chamar “o que é a História” e “o que é romance” foi respeitada no sentido em que pude fazer algo que com o estatuto de historiador não poderia fazer sem problemas de consciência. O romancista faz o que quer e o único critério que se lhe pode imputar é se a sua sátira é excessiva ou sem graça. Isso já são critérios de ordem exterior aos critérios éticos, às linhas vermelhas que a História severamente estabelece como limites a partir dos quais não podemos ir.

**Limite:** Estará a própria Europa a naufragar entre o “bloco Trump” e o “bloco China”? O naufrágio seria uma boa metáfora dos tempos, na atualidade?

**João Medina:** Eu creio que neste exato momento em que fazemos as eleições europeias, estamos todos, como europeus que somos, preocupados. Creio que atravessamos um período difícil, no sentido em que estão a aparecer tendências populistas, elementos neo-fascistas que são extremamente perigosos. Como homem que combateu a ditadura de Salazar e que se expatriou em França, sinto-me preocupado porque, embora a nossa situação em Portugal do ponto de vista político e em relação às eleições europeias me deixe relativamente tranquilo, estou

preocupado em relação à Europa como um bloco. Vejo com apreensão certas nações e certos partidos como na Itália, na França, na Holanda ou, inclusivamente, em Espanha, onde estão a aparecer fenómenos que nenhum de nós consideraria possível que ressuscitassem. É o caso do falangismo em Espanha, da experiência italiana e de Marie Le Pen em França, para citar alguns. Ou seja, há um regresso a ideais e atitudes que me parecem inaceitáveis numa Europa que se quer constituir cada vez mais de forma englobante, harmoniosa e progressista. Essas ressurgências lamentáveis são de deplorar e oxalá sejam eliminadas progressivamente pela concorrência leal dos ideais europeus.

**Limite:** Portugal seria “uma espécie de triângulo das Bermudas onde tudo desaparece e se dissolve, onde todos naufragam, nesta longa história trágico-marítima que é a crónica dos feitos lusitanos, desde o Afonso Henriques aos nossos dias” (p. 309). Em que ponto estamos neste momento?

**João Medina:** Esta situação é um dos exemplos do pessimismo deste livro, de maneira muito manifesta. Eu não subescreveria isto hoje como historiador, nem sequer como romancista faria este retrato. Esta obra é sem dúvida uma obra muito negativa e obedece ao tal paradigma enunciado na imagem de Joyce de que a História é um pesadelo de que eu quero acordar. Creio que a minha tendência para a caricatura levou-me a exagerar e hoje, quando releio essas passagens, fico com a sensação de que exagerei manifestamente e que nada justifica considerarmos que estamos numa espécie de Triângulo das Bermudas. Olhando para os anos que passaram e para a situação atual e provavelmente para o que vai acontecer depois das eleições europeias, creio que não há razões para esta amargura e para esta sensação tão pessimista numa História que não é tão negativa como parece: desde Afonso Henriques até aos nossos dias houve reis excelentes e reis péssimos, regimes bons e regimes péssimos, houve instituições odiosas, mas creio que nada justifica que quem tente descrever o Portugal de hoje num romance, sinta necessidade de ser tão amargo, tão negativista e tão crítico como eu fui neste livro. Escrevi um romance bastante mais alegre chamado *Memórias do gato que ri*, em que, talvez por inspiração do homem que serve de ponto de partida para esse romance, Lewis Carroll, e talvez por inspiração do gato, que é uma figura irónica e engraçada, tenho uma visão sempre satírica, mas nunca pessimista e sobretudo não negativista do meu país nesta comunidade ibérica a que pertencemos. Creio que temos um papel positivo a desempenhar, tenho

a esperança de que possamos viver anos de crescimento, de progresso e de liberdade, sem dúvida, indiscutível.